

VITTO, Douglas; CATELLAN, Vinicius Eduardo Garcia. Copa do mundo de 2014 – divisão internacional do trabalho: possibilidades de abordagens visando o cotidiano dos indivíduos juridicamente iguais. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

Copa do Mundo de 2014 – Divisão Internacional do Trabalho: possibilidades de abordagens visando o cotidiano dos indivíduos juridicamente iguais.

Douglas Vitto¹

Graduando em Geografia e bolsista do PIBID de Geografia / Universidade Estadual de Londrina. E-mail: d_vitto@hotmail.com.

Vinicius Eduardo Garcia Catellan²

Graduando em Geografia e bolsista do PIBID de Geografia / Universidade Estadual de Londrina. E-mail: viniciuscatellan@folha.com.br

RESUMO

Diante da era técnica-científica-informacional e conseqüentemente dos intensos fluxos informacionais, o presente artigo, fruto do subprojeto de Geografia/PIBID da Universidade Estadual de Londrina visa compartilhar uma possibilidade de abordagem acerca da temática “Copa do Mundo de 2014” considerando as diversas informações (muitas vezes pretenciosas) em relação a esta. Objetivando relacionar os conteúdos/assuntos da temática em questão ao Caderno Expectativas de Aprendizagem do estado do Paraná para os oitavos anos, o presente especificará algumas metodologias aplicadas nas aulas referente a Divisão Internacional do Trabalho visando que os alunos compreendam a dinâmica e desencadeamentos desta no cotidiano, e o seu papel na sociedade capitalista enquanto indivíduos juridicamente iguais; além de possibilitar e desafiar os estagiários/bolsistas a aplicação de atividades diferenciadas, como o uso de reportagens e utilização de recursos tecnológicas para fins didáticos, uma vez que tais práticas metodológicas poderiam ser mais exploradas diante do momento histórico vivenciado pela humanidade. Período onde as sonhadas mudanças às vezes não são alcançadas porque o óbvio esta sendo deixado de lado.

1 Graduando em Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID de Geografia / Universidade Estadual de Londrina. E-mail: d_vitto@hotmail.com.

2 Graduando em Geografia e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/Universidade Estadual de Londrina. E-mail: viniciuscatellan@folha.com.br

Palavras chave: Metodologias. Copa. DIT. Cotidiano. Críticidade.

INTRODUÇÃO

Grandes transformações de efeito global-local local-global ocorrem dentro do período de cem anos; e dois significativos exemplos de tais transformações podem ser atribuídos aos avanços tecnológicos (consequências de guerras passadas e das necessidades militares, políticas e econômicas em seus períodos históricos) e avanços educacionais (considerando que não há um centenário da institucionalização das primeiras universidades brasileiras). Sendo assim, numa tentativa de relacionar os progressos educacionais brasileiros às mudanças políticas, econômicas, militares e sociais, o presente artigo tem como expectativa realizar uma análise enfatizando a era técnica-científica-informacional à prática de ensino de Geografia na atualidade, considerando o perfil dos alunos da geração “Z”. Em tempos do contínuo fluxo de informações, muitas vezes pretenciosas, cabe ao intermédio do professor de Geografia realizar uma análise geográfica de escala local e global junto com os alunos para norteá-los acerca de determinadas problemáticas sociais cotidianas. Este contexto remete a abordagem de Silva sobre o raciocínio espacial na era das tecnologias.

[...] não temos dúvidas de que as novas tecnologias se constituem atualmente como grandes mediadoras entre as realidades geográficas e nós. Nosso conhecimento do mundo, desde as situações que povoam nosso dia-a-dia até aquelas que se dão a quilômetros de distância, está mediado por esses meios. Por isso, ao tratarmos de mediação, consideramos fundamental falar um pouco da questão do conhecimento, pois como já afirmamos, não há conhecimento, nem mesmo no âmbito da Geografia, sem mediação. (SILVA, 2007, p.2)

Para tanto, o mesmo tem como ponto de partida uma metodologia apresentada e aplicada através do subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), acerca da temática “Copa do Mundo de 2014” que foi trabalhada com os alunos da instituição de ensino Escola Estadual Kazuco Ohara em Londrina – PR.

OBJETIVOS

Tendo como referencia o Caderno Expectativas de Aprendizagem pelo Departamento de Educação Básica (DEB) na expectativa de continuar o processo de implementação das Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Estadual/PR, expressando aquilo que é essencial ao aluno conhecer ao final de cada ano do Ensino Fundamental e Médio, dentro de cada conteúdo básico definido nas Diretrizes, garantindo o direito a educação com qualidade e equidade. Segundo o Departamento de Educação Básica do Estado do Paraná sobre o Caderno Expectativa de Aprendizagem (2012, p.05)

Nessa perspectiva, servirão como mais um subsídio ao trabalho docente, podendo ser utilizadas como referencial, tanto para o planejamento das aulas, quanto para o acompanhamento do trabalho pedagógico. Vale ressaltar que esse documento poderá subsidiar a elaboração da Proposta Pedagógica Curricular e do Plano de Trabalho Docente, visto que a elaboração desses são atribuições dos professores dos estabelecimentos de ensino, os quais possuem autonomia para sua produção. Desse modo, o Caderno de Expectativas de Aprendizagem não tem a intenção de substituir esses documentos, pois cabe ao coletivo escolar definir o quê, como, para quem e para quê ensinar, bem como planejar e avaliar o processo de ensino-aprendizagem. As Expectativas de Aprendizagem representam, assim, um objetivo a ser alcançado, cabendo ao estabelecimento e a cada professor, no seu Plano de Trabalho Docente, definir o caminho que será percorrido para que os alunos aprendam.

O presente artigo objetiva compartilhar o trabalho/aula desenvolvido com os alunos do 8ª ano, respeitando o Caderno Expectativas de Aprendizagem ao abordar a temática “Copa do Mundo de 2014” a partir do subprojeto de Geografia na Escola Kazuco Ohara. Tendo como objeto de estudo as metodologias aplicadas na aula referente a Divisão Internacional do Trabalho (um dos subtemas acerca da temática do projeto), afim de estimular o senso crítico e a espacialidade geográfica dos fenômenos

através de recursos tecnológicos para melhor exemplificar as manifestações cotidianas decorrente dos mecanismos de funcionamento do sistema capitalista.

METODOLOGIA

Para melhor compreensão e contextualização da atividade desenvolvida, o presente, parte do princípio explicativo a cerca da temática inicial. Sendo assim... A temática “Copa do Mundo de 2014” foi proposta pelos supervisores do subprojeto de Geografia, diante da necessidade de abordagem geográfica dos desdobramentos da realização do megaevento, em tempos de intensas cargas informacionais, e tentativa de correlacionar estes ao cotidiano do aluno; pois é necessário resgatar/trazer determinadas problemáticas ao dia a dia do aluno para melhor compreensão destes. Em paralelo a isso, Djik aponta que:

Sabemos que professores e livros didáticos influenciam as mentes dos alunos, e não é possível negar que esperemos que eles o façam se quisermos que nossos filhos aprendam algo. Mas é muito difícil distinguir entre uma aprendizagem que realmente serve aos estudantes nas suas vidas presentes e futuras, de um lado, e a doutrinação das ideologias de grupos ou organizações poderosas na sociedade, ou uma aprendizagem que impede que os alunos desenvolvam seu potencial crítico, do outro. Ainda assim, não concentraria a culpa em um professor ou uma passagem tendenciosa num livro didático, uma vez que a forma de influência pode ser muito mais difusa, complexa, global, contraditória, sistemática, e quase não percebida por todos os envolvidos. (DJIK, 2012, p.21)

A partir disso, o docente Márcio Miguel de Aguiar propôs uma metodologia para abordagem do tema, partindo da problemática “Pode a Copa de 2014 ajudar na superação do subdesenvolvimento?” e seus subtemas/desmembramentos “O que é subdesenvolvimento?”, “Qual o papel dos países da América Latina na Divisão Internacional do Trabalho?” e “O subdesenvolvimento pode ser considerado uma fase para o desenvolvimento?”, (procurando adequar-se aos objetivos do Caderno

Expectativas de Aprendizagem), onde cada subtema/desmembramento corresponderiam à duas aulas, sempre na expectativa de contribuir para responder a problemática central. Metodologia esta a cerca da temática, de extrema importância diante das diversas manifestações sociais que ganharam força no país; e o fluxo de informações sobre a realização do mundial, muitas vezes de cunho partidário, tornando fácil a manipulação dos cidadãos numa sociedade que analisa um assunto através das manchetes e não pelo seu conteúdo; cabendo diante dos fatos uma análise crítica e real dos aspectos positivos e negativos que o megaevento em questão poderão acarretar. Em relação a complexidade da problemática/temática abordada (com os alunos) e a necessidade de análise cautelosa desta, Firkowski (s/a, p.8) diz, “Prefiro falar do legado dos megaeventos esportivos daqui a cinco anos – quando poderemos saber se falaremos de algum aproveitamento social ou se falaremos de elefantes brancos”.

Com base nisso, foi elaborado o Plano de Trabalho Docente (PDT), em que o presente artigo enfatizará aqui as aulas relacionadas ao subtema “Qual o papel dos países da América Latina na Divisão Internacional do Trabalho?” que correspondem no Caderno de Expectativas de Aprendizagem aos conteúdos referentes principalmente à: circulação de mão de obra, dos capitais, das mercadorias e das informações; e a distribuição das atividades produtivas, a (re) organização do espaço geográfico; para os 8ª anos (figura 1). Permitindo a relação destes conteúdos através da compreensão da Divisão Internacional do Trabalho (em suas três fases), relacionando-as com a Copa de 2014 a partir das marcas patrocinadoras deste presente na Nova DIT.

Respectivamente, considerando os alunos pertencentes a geração “Z”, ou seja, uma geração público alvo das ações mercadológicas, das informações instantâneas e das tecnologias de informação; torna-se necessário despertar o senso crítico e realista nestes para que compreendam a sociedade a qual estão inseridos, principalmente quando foi vivenciado em sala de aula os mesmos realizando discursos idealizando os norte americanos e preconizando a nação brasileira. O que remete as influências mercadológicas (propagandas, filmes, desenhos, entre outros) que este público/geração “Z”, futuros perfis cidadãos populacionais jovens e adultos, estão sujeito. Lembrando à Djik, ao tratar assuntos relacionados ao controle da mente no livro Discurso e Poder.

O ‘controle da mente’ envolve muito mais do que apenas a compreensão da escrita ou da fala; envolve o conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores, entre outros fatores que desempenham um papel na mudança de mentalidade das pessoas. Uma vez que temos uma melhor visão desses complexos processos e representações cognitivas, talvez seremos capazes de mostrar, por exemplo, como reportagens tendenciosas sobre imigrantes podem levar a formação ou confirmação de preconceitos e estereótipos. (DJIK, 2012, p.20)

E também à Carreta (2001, p. 16) ao abordar as tendências de marketing e consumo, pois “[...] Geração Z – composta por indivíduos nascidos a partir de 1989 –, até então pouco valorizado pelas organizações, emerge como alvo de ações mercadológicas, caracterizado como clientes potenciais, essencialmente tratando-se da busca por produtos de marca.”



Figura 1: Aula sobre Divisão Internacional do Trabalho

Fonte: Arquivo pessoal

Sendo assim, para tal abordagem, foram utilizados alguns recursos tecnológicos disponíveis na sala de multiuso do colégio em questão, para utilização do data show viabilizando expor as sequencias de imagens e mapas do programa Prezi (mapas sem nenhuma precisão, mas que servem como recursos preliminares na prática de localização espacial de determinados países no globo terrestre). Em relação à, Silva aponta que,

Entre todas essas tecnologias, merecem particular atenção aquelas que propiciam a representação e a transmissão da informação e, por esse motivo, interpelam diretamente a mente humana e o raciocínio, como, por exemplo, as inscrições monumentais dos sumérios (na antigüidade) e as mensagens do correio eletrônico (na modernidade)” (SILVA, 2007, p.2)

Considerando que os alunos se reconheçam enquanto agentes ativos na construção do conhecimento, foi aplicada a técnica da tempestade cerebral questionado via oral a estes sobre o que é a DIT, se já ouviram algo sobre, e qual a relação da DIT com a Copa de 2014. Como as respostas e argumentos preliminares sobre o assunto foram poucas; logo após, houve uma explicação sobre o que é a Divisão Internacional do Trabalho e suas três fases, sendo caracterizados pela:

Divisão Internacional do Trabalho - ocorre quando determinado país se especializa num tipo de produção, mas ele não é autônomo, ou seja, ele é produtor e consumidor. Por exemplo, a Inglaterra exportava seus produtos manufaturados, mas consumia as matérias primas de países subdesenvolvidos/dominados, já que ela aparentava uma dependência em relação a estes. Ela precisava importar de outros países.

Primeira fase da Divisão Internacional do Trabalho - período do capitalismo comercial (século XVI ao XVIII) caracterizado pela produção de manufaturas (produção manual) das metrópoles (Inglaterra, França, Itália, entre outras). Com isso as colônias exerciam a função de produzir com base na exploração de seus recursos naturais para fornecer matérias primas para as metrópoles produzirem suas manufaturas; por exemplo, o Brasil explorava/exportava Pau-Brasil para Portugal e a Argentina prata para a Espanha, ambas assentadas no trabalho escravo. Sobre tal momento histórico, Pochmann defende que,

A dicotomia entre os produtos manufaturados do centro e os produtos primários da periferia demarcou a primeira Divisão Internacional do Trabalho primária. Enquanto o setor agrícola era o grande empregador nos países periféricos, o setor urbano, especialmente a indústria, destacava-se no emprego da maior parte da mão de obra nas economias centrais. É importante ressaltar ainda que a periferia, por englobar um conjunto grande países, não se caracterizava pela homogeneidade. Diversos países periféricos serviam de ponto de apoio à acumulação de capital por parte da metrópole, impulsionada pela concorrência no centro capitalista (POCHMANN, S/A, p.7 e 8)

Segunda fase da Divisão Internacional do Trabalho – período do capitalismo industrial (a partir do último quartel do século XVIII), sofreu poucas alterações em relação a primeira Divisão Internacional do trabalho. A diferença é que as colônias dos países desenvolvidos passaram a fornecer produtos agrícolas, como a monocultura da cana de açúcar e exploração do ouro. A metrópole começa a transformar a matéria-prima em produtos industrializados. Para melhor e breve conhecimento desta segunda fase, Pochmann, aborda que

Para ressaltar as características da segunda Divisão Internacional do Trabalho, especialmente em relação aos países de baixa renda, foram adotados os conceitos de fordismo periférico, sociedade salarial incompleta e periferação do setor industrial, que indicavam situações distintas em relação ao que havia anteriormente ocorrido nas economias de altas rendas¹³. Apesar disso, houve mudanças tanto na repartição do trabalho no mundo quanto na pauta de exportação. Em 1998, por exemplo, 47,6% das exportações dos países semi-periféricos eram compostas de produtos primários e de 52,4% de produtos manufaturados, enquanto em 1970, a proporção era de 72,5% para produtos primários e de 27,5% para produtos manufaturados. Nas economias periféricas, a participação dos produtos primários na pauta de exportação foi de 82,1% em 1998, contra 94,2% em 1970. Já nas economias centrais, a presença de produtos primários no conjunto de exportados foi reduzida de 22,9%, em 1970, para 14,4%, em 1998. (POCHMANN, S/A, p. 10 e 11)

Neste momento foi aplicada/exposta com auxílio do programa Prezi a seguinte imagem para que os presentes realizassem uma análise crítica interpretativa:

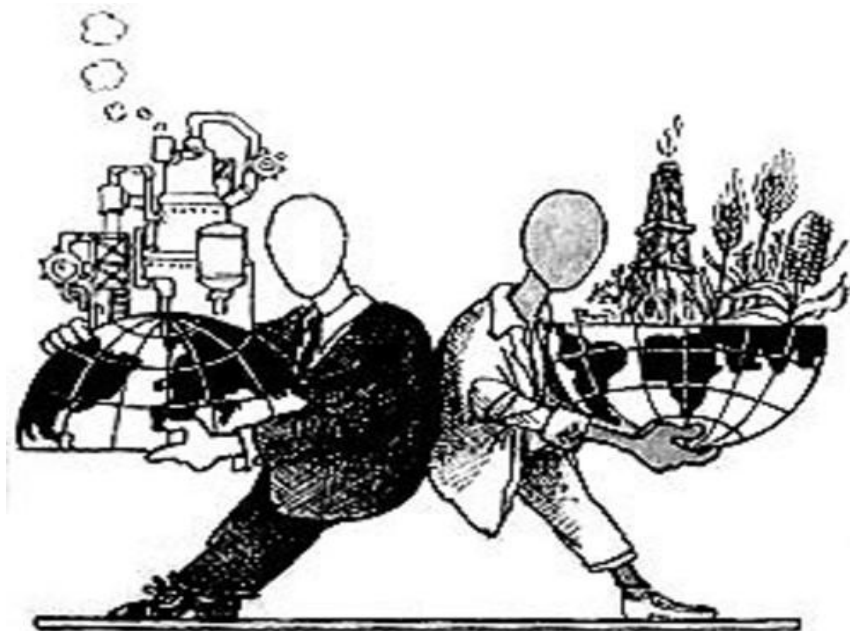


Figura 2: Segunda fase da Divisão Internacional do Trabalho

Fonte: Fotolog

Terceira fase da Divisão Internacional do Trabalho: Nova DIT – a partir de meados do século XX, países subdesenvolvidos iniciam tardiamente seu processo de industrialização, com a abertura de seu capital nacional, para empresas/multinacionais oriundas muitas vezes de países desenvolvidos centrais, para apropriação da mão de obra barata e redução dos impostos fiscais que há em países periféricos. Na busca da isenção de imposto e rápido acesso a matéria-prima em países subdesenvolvidos as multinacionais espalharam seu processo produtivo por todo o globo terrestre; um carro, por exemplo, tem seu motor produzido no México, para-choques na Argentina, chassi na Coreia do Sul e a montagem realizada no Brasil. A maioria das indústrias automobilísticas realizam apenas a montagem do carro, e não a produção das peças destes, sendo denominadas indústrias maquiladoras. Assim sendo, para Pochmann

[...] a nova Divisão Internacional do Trabalho parece referir-se mais à polarização entre a produção de manufatura, em parte nos países periféricos, e a produção de bens industriais de informação e comunicação sofisticados e de serviços de apoio à produção no centro do capitalismo. Nas economias semi-periféricas, a especialização em torno das atividades da indústria de transformação resulta, cada vez mais, proveniente da migração da produção de menor valor agregado e baixo coeficiente tecnológico do centro capitalista, que requer a utilização de mão-de-obra mais barata possível e qualificada não elevada, além do uso extensivo de matéria-prima e de energia, em

grande parte sustenta em atividades insalubres e poluidoras do ambiente, não mais aceitas nos países ricos.] (POCHMANN, S/A, p.15)

Para que melhor compreendessem o mecanismo de funcionamento da atual, Nova DIT, e ao mesmo tempo fazer menção ao cotidiano/realidades locais, foi aplicado/exposto com auxílio do programa Prezi a imagem abaixo (figura 3), que caracteriza algumas marcas e modos de produção da atualidade levando a reflexões sobre questões relacionadas a quem produz, como produz e onde produz determinados bens matérias, como aparelhos eletrônicos, roupas, calçados entre outros. Tais análises interpretativas críticas foram viabilizadas considerando que praticamente todos os presentes já haviam adquirido produtos de marcas/nome “renomado” nas estratégias mercadológicas da sociedade capitalista. Fazendo com que estes reflitam sobre as consequências diretas ou indiretas que o ato de aquisição podem desencadear.

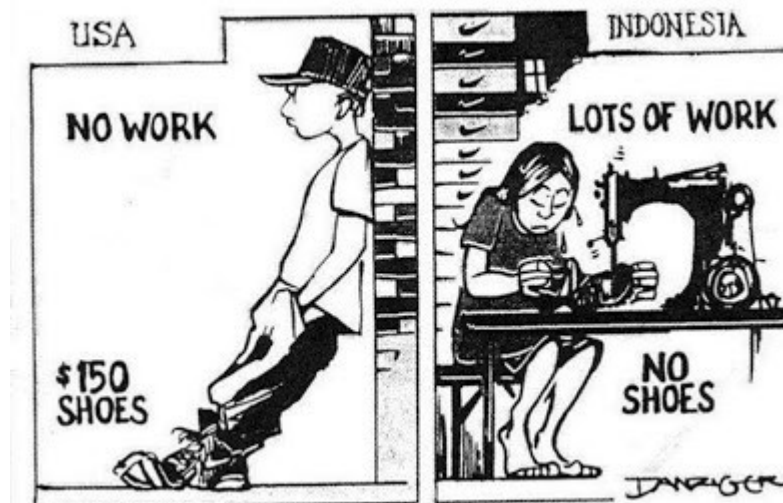


Figura 3: Terceira fase da Divisão Internacional do Trabalho

Fonte: Xatoo

Lembrando que tal explicação neste primeiro momento para/com os alunos teve um caráter objetivo e sintetizador, a partir da análise dos bolsistas de alguns documentos sobre a Divisão Internacional do Trabalho, devido às complexidades e divergências de diversos pesquisadores sobre o assunto.

Na sequência, diante da expectativa de relacionar o assunto/conteúdo até então abordado (Divisão Internacional do Trabalho) com o tema do subprojeto “Copa do

Mundo de 2014”, utilizou-se como “gancho” a terceira fase da DIT, ou seja, a Nova DIT, caracterizada pela maior mobilidade no espaço geográfico mundial das empresas/capitais (muitas originadas nos países centrais/desenvolvidos) que estão patrocinando o Mundial de 2014, como a Adidas, a Hyundai, a Coca-Cola, a Sony, a Visa, a Emirates, a Budweiser, e a Yingli. Remetendo os alunos à análise de escala local ao observarem estas marcas presentes na cidade de Londrina e os fatores que atraem estas a se deslocarem de seu país de origem, como mão de obra barata, isenções fiscais, concessões de terrenos, significativo mercado consumidor, centros de formação de mão de obra, entre outros. Para Benko:

A dinâmica da industrialização capitalista depende da capacidade de adaptação das empresas às novas condições da produção, o que inclui as mudanças das relações políticas e sociais. Nessa ótica, as firmas são levadas a se realocar para construir novas relações de trabalho. Os novos centros de crescimento oferecem formidáveis oportunidades (BENKO, 1996, p.146-147).

E as influencias/impactos, como o acirramento entre parcelas do espaço, sejam eles nacionais, regionais, estaduais ou entre cidades, para participação no fundo público viabilizando investimentos em estradas, ferrovias, portos e aeroportos para atração/instalação destas indústrias (multinacionais ou nacionais). Sobre isso, Botelho (S/A, p.28) aponta que “A disputa por parcelas do fundo público é um ingrediente cada vez mais importante e complexo na dinâmica da produção da sociedade (incluindo-se aí a produção do espaço).” Pois, a expectativa no momento desta abordagem foi de que o aluno compreendesse parte (entre tantas formas) da dinâmica espacial geográfica relacionadas a distribuição das atividades produtivas e paralelamente o fluxo de mão de obra, mercadorias, capitais e informações.

Respectivamente, agora focando um pouco mais na temática “Copa do Mundo de 2014”, objetivando a construção de conhecimentos com os alunos a cerca dos efeitos do padrão FIFA na escala nacional/Brasil. Iniciando com questionamentos orais a estes, se tinham conhecimento sobre os padrões exigidos pela FIFA e quais eram seus impactos; e a maioria das turmas apresentando ausência de argumentos em relação ao questionamento feito; a explicação agora teve como ponto de partida a abordagem das mudanças estratégicas de organização do Comitê Olímpico Internacional na década de 80, onde começa a estabelecer uma relação de vínculos entre: países hospedeiros,

patrocinadores e empresas de mídia (direitos de transmissão). Segundo Oliveira (2011, p.261)

A evolução da política institucional do Comitê Olímpico Internacional (COI) ilustra, claramente, as mudanças de objetivos e os instrumentos utilizados na organização de megaeventos na atualidade. Nos anos 1980, Juan Samaranch, na época presidente do COI, promoveu mudanças profundas na organização dos jogos, articulando interesses com os países hospedeiros, patrocinadores e empresas de mídia, a fim de garantir a exploração econômica do evento. Dois elementos-chave foram decisivos nessa empreitada: a negociação sobre os direitos de transmissão e a transformação dos símbolos das Olimpíadas em propriedade do COI (PRONI; ARAUJO; AMORIM, 2008).

Ou seja, começa ocorrer maior penetração e importância do capital em torno dos eventos esportivos através dos três pilares mencionados (maior penetração esta que pode estar relacionada aos progressos da sociedade, como por exemplo, os avanços tecnológicos). A exemplo disto, podem ser verificadas as exigências relacionadas à construção de arenas (em substituição dos estádios) no país hospedeiro /Brasil, tendo como consequências o aquecimento de setores ligados a construção civil (diante da necessidade de materiais de construção, aparelhos tecnológicos, poltronas – mercadorias; e oferta temporária de empregos – mão de obra). A infraestrutura (sendo necessário a construção de estradas, e alguns sistemas de transportes que melhor viabilizassem o deslocamento de turistas entre os aeroportos e estádios nas cidades sedes). A análise de Oliveira (2011, p. 263) destes dois segmentos interligados apontam que “A Federação Internacional de Futebol (FIFA) exige que o país hospedeiro disponha de cerca de dez estádios dotados com características tecnológicas e arquitetônicas de elevado padrão de qualidade” confirmando estes efeitos mencionados até então. Os patrocinadores multinacionais mencionados anteriormente, mas também a presença de patrocinadores nacionais (como a Castrol, a Continental, a OI, a Centauro, a Garoto, o Itaú e a Wise up), quem também encontram seus produtos disseminados nos estabelecimentos comerciais da cidade de Londrina; entre as possíveis causas de investimentos por parte destes, Silva (2011, p. 265) aponta que “o aumento da participação do capital não estatal resulta, igualmente, da maior visibilidade das Olimpíadas em relação ao Pan, o que incrementa as receitas do Comitê Olímpico e intensifica a atração de recursos dos patrocinadores e da mídia.”. O capital crescente ao longo dos anos entorno das receitas de direitos de transmissão de jogos/eventos

esportivos intermediados pela Federação Internacional de Futebol das Américas (FIFA), que para melhor exemplificar foi aplicado/exposto para os alunos através do data show um gráfico (figura 4) sobre tais valores gerados acerca da transmissão dos Jogos Olímpicos (que mesmo não sendo sobre as Copas do Mundo, representam a magnitude e natureza dos acontecimentos); e os gastos públicos e privados com a realização de megaeventos, sendo utilizado para conhecimento por parte dos alunos uma tabela (Figura 5) comparando tais investimentos entre os Jogos Pan Americanos de 2007 e as previsões para as Olimpíadas de 2016. Acerca destas inter-relações, Oliveira afirma que

[...] o cerne da questão não está na mercantilização das atividades esportivas, o que, de resto, parece ser irreversível. O problema se encontra nas pressões exercidas por esse movimento sobre as demandas de infraestrutura e seus rebatimentos nas contas públicas. Enquanto as Olimpíadas de Los Angeles custaram cerca de US\$ 400 milhões, as estimativas para os jogos de Londres e do Rio de Janeiro superam a marca de US\$ 14 bilhões.] (OLIVEIRA, 2011, p.261)

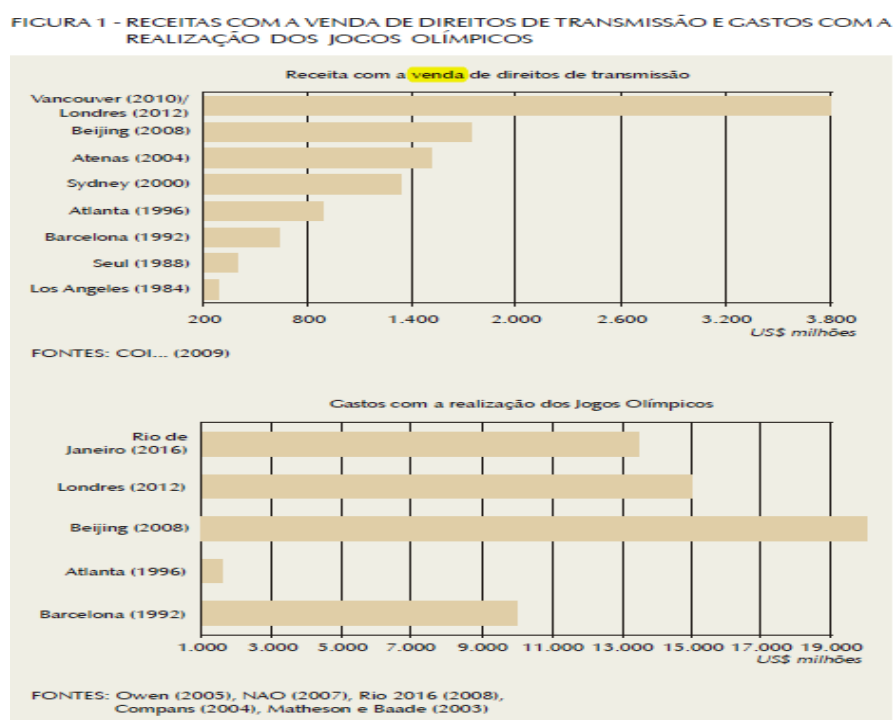


Figura 4: Receitas com a venda de direitos de transmissão e gasto com a realização dos jogos olímpicos

Fonte: Revista Paranaense de Desenvolvimento

TABELA 1 - COMPARAÇÃO DOS GASTOS REALIZADOS NOS JOGOS PAN AMERICANOS DE 2007 EM RELAÇÃO À PREVISÃO ORÇAMENTÁRIA DAS OLIMPIADAS DE 2016⁽¹⁾

FINANCIAMENTO	PAN 2007		OLIMPIADAS 2016	
	R\$ milhões	%	R\$ milhões	%
Gastos com megaeventos (A+B)	3.772	100,0	28.859	100,0
A - Gastos públicos	3.429	90,9	20.597	71,4
Investimentos de capital	1.059	28,1	16.471	57,1
Instalações esportivas permanentes	1.005	26,6	980	3,4
Transporte intermunicipal	-	-	10.904	37,8
Aeropostos e Portos	-	-	2.002	6,9
Estradas e Ferrovias	-	-	8.902	30,8
Meio-ambiente	-	-	2.410	8,4
Saúde	-	-	20	0,1
Legado urbano	54	1,4	1.640	5,7
Centro de Mídia e acomodações	-	-	517	1,8
Segurança	562	14,9	2.548	8,8
Investimentos de capital	453	12,0	1.626	5,6
Gastos operacionais	109	2,9	922	3,2
Despesas operacionais e não definidas	1.808	47,9	1.578	5,5
Instalações esportivas provisórias	36	1,0	635	2,2
Outras despesas	1.772	47,0	943	3,3
B - Gastos privados	343	9,1	8.262	28,6
Empreendimentos imobiliários	189	5,0	2.478	8,6
Vila Olímpica	189	5,0	854	3,0
Vila de Mídia	-	-	1.624	5,6
Outros gastos privados	154	4,1	5.784	20,0

FONTE: Elaborado a partir do Acórdão 2101/08 do Tribunal de Contas da União e do dossiê da candidatura Rio 2016
(1) Os números do Pan se referem a nov./2007, enquanto os do dossiê foram calculados para o ano de 2008.

Figura 5: Comparação dos gastos realizados nos jogos Pan Americanos de 2007 em relação à previsão orçamentária das Olimpíadas de 2016
Fonte: Revista Paranaense de Desenvolvimento

Após a ampla abordagem realizada (relatada acima) sobre a dinâmica da Divisão Internacional do Trabalho e suas relações com o megaevento que será/foi realizado em junho e julho de 2014, buscando seguir os itens mencionados anteriormente do Caderno Expectativas de Aprendizagem, houve a necessidade de aplicação de uma atividade mais “leve” que envolvesse ainda mais o raciocínio crítico reflexivo dos alunos associando os conteúdos/conhecimentos trabalhados às manifestações/acontecimentos cotidianas e linguagens diferenciadas para cunho geográfico. Portanto, diante de tais necessidades, realizou-se com os alunos uma aula ao ar livre (ambiente diferenciado) nos espaços internos da Escola Kazuco (figura 6), para aplicação de duas reportagens, uma sobre “Com produtos exclusivos, empresários do PR acreditam no aumento das vendas – Paraná Governo do Estado”, e a outra “Fábrica chinesa é responsável pela produção da mascote da Copa 2014 - O Estado de S. Paulo”, ambas relacionadas a Divisão Internacional do Trabalho, na expectativa de estimular a prática da leitura e

interpretação, principalmente entre esta nova geração “Z” a qual esta mais suscetível as ações mercadológicas tecnológicas e conseqüentemente aos intensos fluxos de informações instantâneas, onde os indivíduos em questão algumas vezes acabam fazendo análises precipitadas de determinado acontecimento apenas pela manchete lida e não pelo conteúdo (crítico, informativo, opinativo, entre outros) presentes neste. Portanto, considerando destros deste contexto, as cargas informacionais acerca do mundial de 2014 realizado no Brasil, houve a necessidade de que os alunos interpretassem as reportagens mencionadas para que a partir disso realizassem algumas considerações sobre o fenômeno. Como relata Callai (2001, p. 143) “é um tipo de educação que deve mostrar que é possível desafiar o que está estabelecido, exercitar a crítica, discutir os encaminhamentos, em vez de simplesmente aceitar”,

A primeira reportagem “Com produtos exclusivos, empresários do PR acreditam no aumento das vendas – Paraná Governo do Estado”, abordava as expectativas e benefícios conseqüentes da realização do megaevento referente a escolha de algumas empresas e setores no estado do Paraná como fabricantes oficiais de alguns produtos, como bonés na cidade de Apucarana e cachecóis, lenços e echarpes de seda na cidade de Nova Esperança; ambas cidades localizadas na região norte central paranaense. Além dos efeitos interiores em todo o estado paranaense, através dos estabelecimentos comerciais como, por exemplo, os bares e restaurantes. Diante disso, estimulou-se que os alunos refletissem acerca da distribuição das atividades produtivas no espaço geográfico estadual, e o fluxo de mercadorias intermediadas pelas marcas da era técnica-científica-informacional, ou seja, dos meios de transporte e comunicação.

A segunda reportagem “Fábrica chinesa é responsável pela produção da mascote da Copa 2014 - O Estado de S. Paulo” referia-se a produção das mascotes da Copa de 2014 na China; viabilizando que os alunos refletissem a questões relacionadas ao porque produzir as mascotes na China se o evento esta ocorrendo no Brasil. A partir disso, houve a possibilidade de raciocínio/análise de partes (considerando sua complexidade) do funcionamento do sistema capitalista, ao remeter a distribuição/divisão das atividades produtivas no espaço geográfico mundial envolvendo o fluxo de mercadorias, mão de obra barata, instrução técnica, meios de transporte, lucro, entre outras.



Figura 6: Aplicação das reportagens/aula em outros interiores da escola

Fonte: Arquivo Pessoal

Com esta ampla abordagem em duas aulas relacionadas a Divisão Internacional do Trabalho buscando variação na utilização dos recursos metodológicos, como os instrumentos tecnológicos (data show e prezi/programa computacional) e linguagens geográficas (a exemplo das reportagens), tendo como norte alguns conteúdos do Caderno Expectativa de Aprendizagem para os oitavos anos, permitiram que os alunos conhecessem outras finalidades dos recursos tecnológicos que permeiam o cotidiano; lembrando que os bolsistas não objetivaram fazer menção a não utilização de determinado instrumentos tecnológicos, mas, sim, de norteá-los sobre melhor aproveitamento destes recursos para finalidades didáticas dentro e fora de sala de aula. Além de estimular uma leitura interpretativa das informações que permeiam suas realidades (mas que frequentemente passam de maneira imperceptível aos olhos destes), para que possam construir opiniões/visões de mundo pautada em argumentos fundamentados, e não em “achômetros”, ou distorções disseminadas a partir de leigas leituras de manchetes. E notoriamente, as pequenas ou grandes contribuições para reflexões críticas realistas acerca de alguns traços do sistema capitalista por uma geração permeada pelas influências norte americanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o compartilhamento desta atividade desenvolvida através do subprojeto de Geografia/PIBID da Universidade Estadual de Londrina, o presente artigo que relatou a tentativa prática no ensino de Geografia sobre/com o uso de temáticas, tecnologias e linguagens (reportagens) que permeiam o cotidiano (discente e docente); vem agora realizar/compartilhar dois questionamentos, o primeiro, acerca da não utilização dos recursos tecnológicos disponíveis em diversas escolas da rede pública pelos membros da comunidade escolar. Lembrando que o presente não visa ignorar a problemática sobre as escolas e diversas instituições que carecem de tais recursos tecnológicos e infra-estruturais, pelo contrário. Assim sendo, necessário que outras análises/questões sejam realizadas acerca da capacitação docente, já estes em determinados momentos não utilizam os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas (que possuem este) para o tão alcançado progresso nas metodologias das aulas (aulas de qualidade). E o segundo, sobre as possibilidades de aplicação, abordagem com os alunos em sala de aula dos acontecimentos diários (claro, os de maiores magnitude e possibilidades de abordagem, considerando os intensos fluxos informacionais) a fim da formação cidadã destes respeitando as matrizes curriculares.

Portanto, este finaliza este artigo compartilhando estas duas problemáticas mencionadas acima para minuciosas análises, em tempos onde o óbvio esta sendo esquecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Valdenildo Pedro da. **O raciocínio espacial na era das tecnologias informacionais**. GEOUSP – Espaço e Tempo. Universidade de São Paulo, v., n.22, p.31-38, 2007.

OLIVEIRA, Alberto. A economia dos megaeventos: impactos setoriais e regionais. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, v., n.120, p.257-275, 2007.

CALLAI, H. C. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p.133-152, 1º semestre/2011.

BOTELHO, Adriano. A produção do espaço e a indústria. In:_. **Do fordismo a produção flexível**. São Paulo: Annablume, p.19-30.

DJK, Tauna A. Van. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 281 p.

PARANÁ, Secretaria da Educação do. **Caderno de Expectativas de Aprendizagem.**
Ed. Paraná: Secretaria de Educação Básica, 2012. 102 p.